

## O homem e a natureza na região de Pedro Leopoldo

*Marcos Lobato Martins*

Em Pedro Leopoldo, desde a década de 1970, tem crescido bastante a preocupação com os problemas ecológicos da região, associados principalmente ao uso e ocupação das áreas cársticas do município, bem como aos problemas de degradação dos cursos d'água e da poluição industrial. Nos últimos anos, em decorrência da progressiva tomada de consciência dos impactos ambientais das atividades econômicas desenvolvidas na região, parcelas significativas da população de Pedro Leopoldo vêm se organizando em torno de entidades ambientalistas, hoje capazes de pressionar o Poder Público Municipal com considerável eficácia. A preocupação com o meio ambiente, portanto, tornou-se uma marca bastante nítida da produção cultural dos pedroleopoldenses.

Este fato por si só bastaria para justificar a incorporação de variáveis ambientais no estudo da história de Pedro Leopoldo. Mas há razões epistemológicas para a consideração de fatores ecológicos na investigação da história do município, uma vez que é inadiável e imprescindível examinar as relações do homem com a natureza na região. As mudanças climáticas, as alterações dos cursos dos rios, a devastação das matas, os processos de extinção de espécies da fauna e da flora, a estrutura dos solos e as formas de ocupação das terras, etc., são elementos que condicionam significativamente a sociedade e a cultura humanas. Assim, ao reconhecer que as conseqüências ecológicas dos feitos passados do homem não podem ser ignoradas, os historiadores também vêm contribuindo para a compreensão dos dilemas ambientais que o mundo enfrenta atualmente.

Esta contribuição específica da história recebe o nome de eco-história ou história ambiental<sup>1</sup>. Fazendo releituras de velhos relatos de viagens, de documentação antiga, de obras literárias e artísticas, enfim, reexaminando uma massa documental variada, os historiadores podem retirar informações sobre o meio ambiente e sobre as relações do homem com natureza, concernentes a diversos períodos da história.

Neste capítulo, o objetivo é fazer uma breve discussão das fontes que podem ser utilizadas para a elaboração de estudos de história ambiental na região de Pedro Leopoldo e esboçar um quadro da degradação ambiental provocada pelas atividades agrícolas e de extração mineral nos

séculos XIX e XX, no território do atual município e suas vizinhanças. A intenção é estabelecer uma tipologia das formas de ação poluente mais frequentes em Pedro Leopoldo, avaliando suas conseqüências sobre os rumos do processo de ocupação e desenvolvimento regionais.

### **Para fazer a história ambiental da região de Pedro Leopoldo**

Na seção seguinte, procura-se mostrar que a consideração de variáveis ambientais é de grande relevância para o entendimento da evolução histórica do município de Pedro Leopoldo, a começar pelos processos de ocupação inicial dos seus territórios. Sendo assim, surge imediatamente o problema de como fazer pesquisas sobre as temáticas de história ambiental abordando a área de Pedro Leopoldo e, particularmente, a questão das fontes documentais destaca-se como assunto que requer discussões mais detalhadas<sup>2</sup>.

A posição relativamente secundária da região de Pedro Leopoldo dentro da história de Minas Gerais tem uma conseqüência importante quanto ao problema das fontes de pesquisa disponíveis: para o caso pedroleopoldense, há muito menor quantidade de documentação produzida por agências oficiais sobre a vida regional ao longo dos vários períodos de sua história, além do fato de que essa documentação é fragmentária e encontra-se absolutamente dispersa. Há também muito menor quantidade de relatos de viajantes e naturalistas estrangeiros – exceção feita aos registros de campo deixados pelo dinamarquês Peter Lund, que viveu na região entre 1835 e 1880, e as observações do inglês Richard Burton sobre o Rio das Velhas, em 1868 – em comparação com outras regiões de Minas Gerais. Por outro lado, a situação não é melhor no que se refere ao campo das memórias históricas e dos relatos autobiográficos. Os habitantes de Pedro Leopoldo e das cidades vizinhas não foram prolixos na elaboração desses textos, diferentemente, por exemplo, dos moradores das velas “cidades do ouro”. Deve-se mencionar uma exceção: o escritor José Issa Filho, autor de pequenos romances ambientados em Pedro Leopoldo e de uma narrativa de cunho memorialístico, obras de que se podem tirar informações sobre paisagens naturais do passado local<sup>3</sup>.

Se a documentação mais tradicional é relativamente menos densa e encontra-se dispersa, em contrapartida podemos contar com considerável documentação iconográfica e com o recurso

da história oral, fonte de grande valia para estudo das temáticas ambientais no século XX. Em Pedro Leopoldo, há disponibilidade de bom número de ricos acervos fotográficos, de desenhos e de pinturas. Cabe destacar especialmente o valor como fonte documental das obras artísticas de pintores como Edgar Walter, Alberto Braga, Pacheco Silva, que retrataram inúmeras paisagens e cenas da vida na região nas décadas de 1940, 50 e 60<sup>4</sup>. A partir destas pinturas e de fotografias antigas, podemos obter informações sobre o ambiente em épocas passadas, sobre técnicas construtivas e produtivas, sobre o uso que a população fazia de matas, rios e várzeas, sobre valores culturais associados à natureza, etc. Já a história oral, lançando mão da memória de velhos habitantes de Pedro Leopoldo e vizinhanças, permite reconstruir parcialmente os traços da paisagem natural nas décadas iniciais do século, bem como as formas de interação com a natureza características das populações locais.

Uma limitação evidente destes tipos de fontes históricas, de cunho eminentemente qualitativo, é o fato de que, com elas, pouco se pode fazer em termos de construção de séries quantitativas. A documentação oficial, tanto a elaborada pela Secretaria de Estado de Agricultura no fim do século XIX e até as primeiras décadas do século XX, como pela Municipalidade a partir da década de 1920, não é muito confiável e apresenta, além do mais, lacunas e heterogeneidades significativas. Todavia, boa dose de inventividade e a utilização de metodologias novas permitem, felizmente, contornar em parte as dificuldades relativas à documentação apontadas anteriormente. Não se deve esquecer, aliás, que se pode contar com um documento monumental: a própria paisagem, que traz em sua “pele” as marcas da presença histórica do homem na região. Para a história ambiental, a paisagem se transforma, ela mesma, num documento que precisa ser lido adequadamente. Na Quinta do Sumidouro, nas áreas mais próximas do Rio das Velhas, os olhos de um observador bem treinado enxergarão grande quantidade de vestígios de antigos trabalhos de mineração – canais de condução de água, escavação de lavras, montes de cascalhos lavado, etc. – que remontam aos séculos XVIII e XIX.

### **Mineração, agricultura e degradação ambiental**

Há fortes razões a exigirem a incorporação de variáveis ambientais para o entendimento da trajetória histórica local. Sem utilizar considerações sobre a natureza da região sequer se compreenderão os processos de ocupação das diversas partes do município de Pedro Leopoldo, a começar pelo povoamento inicial da região, no final do século XVII e início do século XVIII.

Os paulistas e suas bandeiras vieram esbarrar na porção nordeste da área atual do município seguindo caminhos naturais, no caso o Rio das Velhas, movidos pelo desejo de encontrar pedras preciosas – as esmeraldas de Fernão Dias – e o ouro. Instalaram suas roças e ergueram acampamentos favorecidos pela fertilidade da terra e abundância de água, características típicas das formações cársticas. Assim, a fixação do povoamento está ligada de perto à exploração de ouro no leito e margens do Rio das Velhas e ao bom rendimento agrícola dos terrenos.

O ouro da Quinta do Sumidouro não se mostrou capaz de sustentar grandes serviços de mineração, as lavras regrediram rapidamente. O esgotamento do cascalho aurífero não significou, entretanto, a extinção definitiva da mineração. Permaneceu em toda a região do Rio das Velhas nas proximidades de Santa Luzia o aproveitamento do chamado “ouro de barba”, atividade extrativista de pequena monta descrita por Richard Burton em 1867<sup>5</sup>. As enchentes do rio depositavam partículas auríferas nas margens, o terreno relvoso era carpido e grama podada rente como barba. Depois de receber o depósito de dois anos, os torrões de grama eram cortados até a espessura de um dedo e cinco a sete centímetros e meio de altura, amontoados em blocos na margem do rio e depois lavados. A operação era repetida com intervalos de descanso de cinco anos.

Ainda com relação à mineração aurífera na região, vale destacar a observação de Burton apontando para as dificuldades geradas pelas condições naturais dos rios, a conformação dos leitos e o volume de água. Falando sobre o Rio das Velhas na altura da Fazenda da Jaguará, o viajante inglês destacava que:

*“essas bacias onde a água se paralisa (remansos, poços, águas paradas) e que ficam acima e bem pertos dos rápidos, são, de fato, canais e berços, onde o ouro e os diamantes que, com a lavagem, desceram para o leito do rio, se depositaram, pois os rochedos que atravessam o curso d’água impedem que eles sejam arrastados pelas enchentes”<sup>6</sup>.*

Todavia, o ouro existente no fundo do rio não podia ser explorado por falta de tecnologia apropriada. Segundo as palavras de Burton,

*“foram feitas duas tentativas de desviar o curso do Rio das Velhas, uma abaixo de Santa Luzia e outra acima de Jaguará. O êxito foi parcial, e precioso metal foi encontrado em grande quantidade, mas após enormes despesas de mão-de-obra, começaram as cheias e o rio voltou violentamente ao seu leito. Atualmente, os habitantes não conseguem atingir o fundo do rio, sendo-lhes igualmente desconhecidas portas flutuantes, dragas e sinos de mergulho”<sup>7</sup>.*

Portanto, diferentemente de outras áreas de Minas Gerais, as condições ecológicas não permitiram lavras auríferas de maior fôlego na região do atual município de Pedro Leopoldo, em função da menor riqueza dos veios nas margens e das condições do leito do Rio das Velhas, com suas águas volumosas. Todavia, a região não foi abandonada por causa da regressão das lavras, como aconteceu em diversas localidades nas Minas do século XVIII. O Rio das Velhas, embora dificultasse a mineração em seu leito, por outro lado permitia atividade econômica alternativa e altamente lucrativa, a agricultura mercantil de alimentos, destinada a abastecer a importante Vila de Sabará. Terrenos marginais férteis e a boa piscosidade dos rios e lagoas favoreceram a ocupação agrícola. O produto das fazendas poderia contar ainda com escoamento veloz, transportado rapidamente por canoas e barcas até Sabará e Santa Luzia. Nas décadas iniciais do século XVII, as cartas de sesmaria concedidas na região foram todas de terras situadas ao longo do Rio das Velhas, o restante da área atual do município constituindo um vazio demográfico.

Outra frente de ocupação pioneira na região teve como ponto de partida o território ao redor da Lagoa Grande (hoje Lagoa Santa), década de 1740. Segundo Augusto de Lima Jr., Felipe Rodrigues, lavrador na região desde 1713, revelou as virtudes curativas das águas dessa lagoa<sup>8</sup>. Em 1749 foi publicado em Portugal um folheto intitulado *“Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará. Que tem curado várias pessoas dos achaques, que nesta relação se expõem”*. A partir de então, correu bastante gente para a região e a fama das águas da Lagoa Santa espalhou-se tanto que, para Lisboa, se exportavam numerosos barris, vendidos por altos preços, para atender enorme consumo. Multiplicaram-se, ao redor da lagoa, em direção radial, as propriedades de agricultura. Conta-se que o próprio Peter Lund, praticamente um século depois, teria se beneficiado enormemente com as águas e o clima da área de Lagoa Santa.

Uma terceira frente de povoamento da região de Pedro Leopoldo, desencadeada na segunda metade do século XVIII, ligava-se ao fluxo de trocas comerciais realizadas ao longo do

chamado Caminho do São Francisco. A passagem natural existente entre o curso do Rio das Velhas e a região de Pompéu e da nascente do São Francisco era por aqui, ou melhor, pelas áreas de Venda Nova, Curral D'el Rei e São Gonçalo de Contagem das Abóbadas<sup>9</sup>. A articulação entre a região central mineradora, o oeste e o norte da Capitania de Minas Gerais situava-se bem ao lado do atual território de Pedro Leopoldo. Na segunda metade do século XVIII, ramificações do caminho da “Bahia a Minas” alcançaram as áreas de Neves, Areias e Pindaíbas (Vera Cruz de Minas), onde surgiram atividades agropecuárias e comerciais.

Ao longo dos séculos seguintes, a partir destas três áreas iniciais de penetração e ocupação, pessoas e propriedades rurais espalharam-se pelo território correspondente ao atual município de Pedro Leopoldo, seguindo sempre os caminhos naturais fornecidos pelos ribeirões e córregos da região. Um estudo dos registros de fazendas facilmente comprovaria esta afirmação. E mesmo no final do século XIX, foram ainda fatores ecológicos que determinaram o nascimento da povoação que deu origem à cidade de Pedro Leopoldo. O primeiro destes fatores foi a existência, no Ribeirão da Mata, dentro da Fazenda da Cachoeira Grande, de uma queda d'água capaz de movimentar grande quantidade de teares de uma fábrica de tecidos. Naquela época, a instalação de indústrias dependia, principalmente, de uma variável locacional – a existência de fonte de energia abundante. O segundo fator diz respeito às conformações do relevo regional, que influíram na definição do traçado da Estrada de Ferro Central do Brasil. Para alcançar o Norte de Minas a partir da estação de Sabará, ligando o centro do Estado com a porção média do Vale do São Francisco, a ferrovia teve de passar pela região de Pedro Leopoldo, em 1895. O traçado não poderia ser outro, dadas as condições geográficas da parte central de Minas e a tecnologia de construção disponível à época.

Uma vez povoada, a região de Pedro Leopoldo viu surgir uma sociedade agrária, voltada para a agricultura mercantil, com comunidades organizadas para cultivar cereais e criar animais, portanto, com determinadas instituições, papéis de gênero e ritmos sazonais característicos. Por essa razão, é possível concentrar a discussão nas práticas agrícolas tradicionais e seus impactos sobre a natureza<sup>10</sup>.

Desde o século XVIII e até bastante recentemente, predominava em toda região, como de resto em Minas Gerais inteira, um sistema tradicional de plantio. Por este sistema, só se plantava

onde havia mata. O mato era derrubado e queimado; no meio das cinzas plantavam-se, durante dois anos consecutivos, milho, arroz, feijão, cana-de-açúcar, fumo, etc. Em seguida, ao cabo de dois ou três anos, o terreno era abandonado e tinha início nova derrubada e plantio em outro terreno. Este sistema era conhecido como “sistema de rodízio”, e utilizava-se a queimada como técnica principal de preparo de terra. O resultado inexorável dessa “agricultura destrutora” – como a chamava Saint-Hilaire – era o desaparecimento dos matos substituídos por carrascais que se transformavam afinal em campos.

Os relatos de Richard Burton confirmam a frequência e a difusão da utilização de queimadas na região de Pedro Leopoldo. Nas vizinhanças da Jaguara, o viajante anotou em seu diário de viagem que “(...) *passamos pela Lagoa Grande, a maior de todas; em torno dela, há um campo novo, ou seja, um campo que acabou de ser queimado. O capim, de um verde vivo, nasce entre as pedras e se supõe defendê-lo, conservando a umidade*”<sup>11</sup>. Na região da Fazenda da Casa Branca, Burton encontrou estranho objeto: “(...) *erguia-se um alto esqueleto (de árvore) atingido por um raio ou vítima das queimadas anuais (...)*”<sup>12</sup>. Já nas proximidades da Cachoeira da Onça, região de povoado de Jequitibá, Burton foi obrigado a passar uma noite acampado à margem do Rio das Velhas. Segundo suas palavras: “*A noite, a vista era sugestiva. À nossa direita, ouvia-se o sinistro estrépito e via-se o brilho lúgubre da Cachoeira da Onça; da esquerda, rio abaixo, vinha o ruído da Coroa Braba, enquanto o céu estava vermelho com os últimos raios solares e por toda a parte se viam os fogos das queimadas*”<sup>13</sup>.

Estes processos rudimentares, utilizados na agricultura da região nos séculos XVIII, XIX e boa parte do século XX, provocaram também outra consequência importante: a baixa produtividade das culturas, que diminuía ano a ano nas áreas de ocupação mais antiga. As queimadas, ao descobrirem os solos, possibilitaram a aceleração do processo de esterilização da terra – destruição das substâncias fertilizadoras, erosões devidas às chuvas, abrasamento da terra pelo calor do sol – e redundaram em limitações crescentes da produtividade nas áreas agrícolas, Isto exigia, por sua vez, a incorporação de novas terras. Dessa forma, havia a reprodução deste círculo vicioso<sup>14</sup>.

Os desmatamentos não se faziam somente para o preparo de terras de plantio e de pasto. Na região de Pedro Leopoldo, houve desde o século passado, exploração comercial de madeira. Novamente, deve-se tomar o depoimento de Burton. Em 1867, o viajante inglês contava que,

*“perto da casa de José Corrêa, onde o rio se divide em dois braços para leste e oeste, formando uma ilha montanhosa, encontramos o barco ‘jaguara’, carregando enormes troncos seculares para o Morro Velho. Essa grande embarcação chata, com 34 metros e meio de comprimento e 4 e meio de largura e outro tanto de pontal, construída com vinhático e canela, com rebordo de pau d’arco e fundo forrado de ferro, é triangular na proa e na popa. Seu peso é aproximadamente de 16.000 quilos, correspondendo a maior parte ao metal. Descarregada, tem o calado de 10 centímetros, que aumenta cerca de 2 centímetros e meio para cada 4 toneladas: transporta 72 toneladas descendo o canal(...)”<sup>15</sup>.*

Desmatava-se também visando a obtenção de lenha, consumida nas próprias habitações rurais ou negociada nos núcleos urbanos existentes na região. O caso do fazendeiro Antonio Pereira Bem, proprietário da Fazenda dos Matos, que enviava mensalmente uma carroça de boi com lenha para trocar por sal e querosene em Pedro Leopoldo, ilustra uma prática bastante comum e difundida nas primeiras décadas deste século<sup>16</sup>. Para o abastecimento da cidade, vinha lenha produzida principalmente nas vizinhanças de Fidalgo, dos Matos e de Vera Cruz. A tabela a seguir resume os dados disponíveis na Prefeitura sobre os negócios de lenha no município de Pedro Leopoldo:

#### NEGÓCIOS DE LENHA EM PEDRO LEOPOLDO

ANO	Nº DE NEGÓCIOS
1940	05
1945	21
1950	11
1955	03

Fonte: Livro de Lançamento de Impostos de Indústrias e Profissões. Arquivo da Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo.

Embora não existam dados oficiais sobre o consumo de lenha proveniente de áreas desmatadas em Pedro Leopoldo, pode-se estimar, tomando com base o ano de 1945 (auge dos negócios de lenha), o número de hectares desmatados para atender às necessidades dos domicílios. Aqui, a hipótese é a de que toda a lenha utilizada nas casas da cidade resultava de desmate.

Considerando o número de 530 domicílios (a partir do censo de 1940 e de projeções do IBGE para 1945), e o consumo médio mensal por domicílio de 1,5m<sup>3</sup> de lenha (correspondente a uma carroça de lenha), teríamos um consumo anual de 9.540 m<sup>3</sup> de lenha. Levando em conta que, na região de Pedro Leopoldo, um hectare de floresta nativa desmatada fornecia, no máximo, 70m<sup>3</sup> de lenha, pode-se concluir que esse consumo anual implicaria em 136,3 hectares de mata derrubada, tomada a hipótese mais favorável<sup>17</sup>. Num ritmo de consumo anual desta ordem, o abastecimento de lenha da cidade de Pedro Leopoldo representaria, num período de 5 anos, a destruição de cobertura florestal do tamanho da área atual da Fazenda Modelo.

Mesmo admitindo que os dados acima estejam superestimados, eles ajudam a compreender pelo menos parcialmente os processos de alteração da vegetação no espaço geográfico em torno de Pedro Leopoldo. Contudo, deve-se lembrar um fato importante: o desmatamento em áreas rurais não é absolutamente caótico, uma vez que as sociedades agrícolas precisam de recursos adicionais a serem buscados nas áreas florestais. A madeira para lenha e para construção, as frutas e os animais silvestres complementares na alimentação e plantas medicinais<sup>18</sup> são recursos valorizados por populações agrícolas que procuram utilizá-los com certa cautela, garantindo em parte sua perpetuação. Assim, por exemplo, as nascentes e as matas ao longo dos rios e pedreiras eram, em geral, preservadas pelos fazendeiros no passado.

Em suma, as técnicas agrícolas tradicionais, a utilização amplamente difundida da lenha como combustível nas casas, fábricas de cal, olarias, alambiques, caldeiras da Fábrica Cachoeira Grande, etc., e nas construções explica o desaparecimento de cedros, angicos, sucupiras, perobas, jatobás, pau d'arcos e outras variedades de árvores existentes em muitas partes de Pedro Leopoldo no passado.

Por sua vez, a rica fauna da região, em que se destacavam animais como onças, lobos-guará, veados-mateiros, porcos do mato, coelhos castanhos, seriemas, emas, pequenos macacos, diversos tipos de marrecos e periquitos, foi grandemente dizimada ao longo dos três últimos séculos por causa da caça. A este respeito, Burton comentou incisivamente:

*“pouca caça, porém, aparece nas margens do [rio das Velhas]: essa se limita a um porco d'água, um veado pequeno que anda sozinho, pombas, e, em raros intervalos, alguns jacus. Aves selvagens, especialmente marrecas (...) às vezes eram vistas e ouviam-se os gritos de grou, partidos dos braços que se afastam do rio; para se chegar as tais lugares, contudo, é preciso muita caminhada através de brejos, não havendo outro recurso. No Brasil, os*

*rios que, como o Tietê e o Paranapanema, na Província de São Paulo, ignoram a presença do homem branco, mesmo o explorador isolado, fornecem caça abundante, mas o caso é diferente, onde a arma de fogo é conhecida”<sup>19</sup>.*

Especialmente as onças foram muito caçadas, e não por que representassem ameaças aos rebanhos ou aos homens. A razão, relevada por Burton, era outra, o comércio de pele, como evidencia a citação transcrita a seguir:

*“Vi coleções dessas peles (de vários tipos de onças) no Rio das Velhas. Aqui, contudo, como em toda parte, são caras e raramente compradas para uso local. Todas as classes a cobiçam para forro de selas, coldres de garruchas, sacos de viagem e mesmo bonés de caça. Naturalmente, são preferidos outros pintados (...)”<sup>20</sup>.*

Uma outra atividade com impactos ambientais significativos ganhou força na região a partir da década de 1930, com crescimento notável ao longo dos anos 1940 e 50. Trata-se da exploração comercial de pedreiras e da fabricação de cal, concentrada nas áreas cársticas de equilíbrio natural delicado, bastante sensíveis a alterações ecológicas. A tabela a seguir dá uma idéia do desenvolvimento desta atividade em Pedro Leopoldo:

**EXPLORAÇÃO DE PREDEIRAS E FABRICAS DE CAL  
PEDRO LEOPOLDO – 1930 A 1960**

ANO	PEDREIRAS	FABRICAS DE CAL
1930		04
1936	03	03
1940	07	08
1945	01	15
1950	03	09
1955	04	11
1960	04	10

Fonte: Livro de Lançamentos de Impostos sobre Indústrias e Profissões. Arquivo da Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo

Atividades minerárias do tipo da exploração de calcário causaram profundas alterações nas áreas em torno das jazidas. Já a fabricação de cal, além de incrementar o uso da lenha, provocou o aparecimento das primeiras, e ainda tímidas, manifestações de poluição do ar. Embora cada um dos empreendimentos, em geral, tivesse pequena escala, o efeito agregado da multiplicação deles mostrou ser bastante danoso ao ambiente.

No momento em que se fala da exploração mineral na região de Pedro Leopoldo, convém que se faça um breve parênteses. Uma característica da história ambiental é explorar as interações entre o quadro de recursos naturais úteis e inúteis e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas, isto é, estudar o papel da cultura nos usos dos recursos. Afinal, os recursos se tornam de fato recursos quando culturalmente identificados e avaliados. Não existem recursos naturais *per se*. Boas ilustrações desta afirmação são fornecidas pela própria história de Pedro Leopoldo. A região sempre foi rica em areia, depositada nos leitos dos ribeirões ou nas baixadas fluviais. Entretanto, a exploração deste recurso natural em larga escala somente teve início na década de 1970, quando muitos fazendeiros passaram a dedicar-se principalmente a esta atividade dentro de suas propriedades, em associação com empresários. Que as razões – econômicas, tecnológicas, sociais – que explicam isto? Outro exemplo é dado pelas jazidas de pedras decorativas que são abundantes na região de Fidalgo. Até bastante recentemente, como revelou um antigo fazendeiro da área<sup>21</sup>, a presença de pedreiras em propriedades rurais servia apenas para depreciar o preço da propriedade e causar dores de cabeça ao seu dono. Por que, a partir da década de 1970, a situação mudou completamente?

Qualquer resposta que se tente dar a estas questões terá que considerar pelo menos duas ordens de questões. Uma dimensão tecnológica, relativa à disponibilidade de equipamentos e de transporte para a exploração em larga escala destes recursos naturais. No caso específico da areia, sabe-se que foi somente no final da década de 1960 que o uso de bombas de sucção – as “dragas” –, movidas por motores diesel, tornou-se generalizada na região. Por outro lado, há uma importante dimensão cultural, relacionada, por exemplo, com as transformações sofridas pelos padrões de construção de habitações e com novos conceitos de conforto e de decoração de casas e edifícios, públicos e particulares, que explicaria a utilização crescente de ardósia e de pedra de Lagoa Santa, substituindo pisos e azulejos cerâmicos mais tradicionais.

Quanto aos cursos d’água da região, pode-se avançar umas poucas observações. Em primeiro lugar, os depoimentos de velhos e as memórias existentes são unânimes em apontar a riqueza dos rios da região em termos de peixes. Predominavam mandis, pacus, existia fatura de piabas e timburés, havendo ainda dourados e traíras. Segundo Jose Issa Filho,

*“o Ribeirão da Mata naquele tempo [década de 1940] era um ribeirão de águas muito claras, com muitas curvas e muitos peixes(...) Chico Bilosca, Miguel Nasta, Miguel Janusi todas as tardes voltavam do ribeirão com um bonito dourado. Qualquer peneira que um menino enfiasse naquelas águas, voltava cheia de piabas”<sup>22</sup>.*

Esse testemunho confere com o depoimento de Oswaldo Gonçalo do Carmo, que escreveu sobre os cursos d’água de Pedro Leopoldo o seguinte:

*“(Havia) fartura de peixes nos quatros córregos que formam o Ribeirão da Mata (córrego de Matozinhos, do Urubu, do Matuto e de Areias). No Ribeirão da Mata, frente à Cachoeira Grande, eram apanhados com anzol surubis, dourados, pacus e outros peixes que subiam o Rio das Velhas. Na quinta do Sumidouro era enorme a quantidade de peixes (surubis pesando mais de 100 quilos)”<sup>23</sup>.*

Trata-se do mesmo quadro descrito, quase oitenta anos antes, por Richard Burton. O viajante inglês impressionou-se com a riqueza de peixes do Rio das Velhas e das lagoas existentes na área do Sumidouro, que considerou *“viveiros naturais, produzindo em abundância a traira”<sup>24</sup>*. Ora, isto significa que o ritmo de degradação dos cursos d’água da região foi lento até a primeira metade do século XX, o que se explica, entre outros fatores, pelas pequenas dimensões dos núcleos urbanos e pelos cuidados dos moradores com nascentes e matas ciliares.

Até os anos 1960, as enchentes eram freqüentes e mais ou menos regulares, causando pequenos danos às habitações ribeirinhas e carregando diversas pontes. A mais espetacular delas ocorreu em 1948, atingindo com violência a Rua da Boiada (atual Cristiano Ottoni, trecho anterior à Maternidade Eugênio Gomes Batista), em Pedro Leopoldo. Por causa da grande quantidade de peixes que surgiu abaixo da Cachoeira Grande nessa enchente, centenas de visitantes, vindos das proximidades da cidade, acorreram até a ponte da Fábrica de Tecidos. Eram principalmente pessoas de Belo Horizonte<sup>25</sup>.

Os depoimentos orais e as memórias também indicam que um dos divertimentos favoritos dos meninos de Pedro Leopoldo, até praticamente a década de 1960, era tomar banho no ribeirão da cidade. Era muito freqüentada a Cachoeira Grande. Também o açude construído pela Fábrica, na parte de cima desta queda d’água, era um local muito procurado para a natação. Nas épocas de cheia, os garotos pulavam no Ribeirão da Mata, na altura da ponte da Fábrica, e desciam a correnteza até o povoado de Dr. Lund, retornando a pé pelos campos da cidade. Também o

ribeirão que cortava a Fazenda Modelo era bastante procurado para os piqueniques e a natação, particularmente nas imediações da Ponte Velha, que dava acesso à sede daquela fazenda.

As boas condições das águas dos ribeirões e córregos da região teriam começado a sofrer alterações na década de 1950. A esse respeito, vale transcrever um trecho da obra de Jose Issa filho:

*“No governo Milton Campos, o Estado instalou uma grande usina de açúcar em Matozinhos (...). Pouco tempo depois de a usina entrar em funcionamento, a água do ribeirão ficou da cor de garapa suja, com cheiro de lama podre. E peixes mortos começaram a aparece-lhe na superfície (...) Com um ano não havia mais pescadores, não havia mais lavadeiras nas margens do ribeirão. Os peixes tinham desaparecido de suas águas, que já não serviam para lavar roupa, não serviam para os meninos tomarem banho nem para os pássaros refrescarem suas penas. Não serviam para nada. Estavam matando os arbustos que floriam junto delas”<sup>26</sup>.*

Todavia, foi somente no final da década de 1960 que teve início um processo de degradação realmente veloz e acentuado dos leitos e margens dos cursos d’água da região. A extração de areia por meio da utilização das conhecidas “dragas” arrasou trechos inteiros de ribeirões e córregos de Pedro Leopoldo. A documentação disponível nos arquivos da Prefeitura Municipal sobre esta atividade possui lacunas enormes. O que foi possível encontrar sobre a extração de areia eram informações referentes a somente dois anos, 1974 e 1975. Em 1974, havia o registro de 6 “portos de areia”, número que praticamente dobrou no espaço de um ano, pois, em 1975, havia o registro de 10 “portos”. Ao lado da extração de areia, o crescimento das cidades vizinhas, da própria cidade de Pedro Leopoldo e a instalação de indústrias em toda a região, provocando o aumento da descarga de esgotos domésticos e industriais nos rios, aceleraram o processo de degradação das águas na região.

A partir da década de 1950, teve início outro processo que transformaria os aromas da cidade. Pedro Leopoldo era ainda uma cidade de cavalos e seus excrementos, onde criavam-se porcos e aves, muitas vezes soltos pelas ruas. Em torno da cidade, fazendas e sítios emanavam perfumes campestres que carregavam a atmosfera da cidade de odores tradicionais, presenças olfativas de um ruralismo que já se transformava em mero vestígio de outra época. O início da operação da Cauê lançou no ar a fumaça e o cheiro da poluição industrial. Contra a novidade, a população reagiu logo, porém, sem sucesso. É o que demonstra a carta publicada num jornal da cidade, em 1958, transcrita a seguir:

*“Exmo. Sr. Dr. Levy Toffalini  
M.D, juiz de Direito da Comarca de Pedro Leopoldo.*

*Foi impetrada uma ação cominatória (?) contra a Cia. Cauê há cerca de alguns meses. Uma ação do povo desta cidade contra uma indústria dirigida por elementos que dispensam pouco valor ou nenhum à vida e aos pertences dos possuidores desta vida.*

*O Juiz que antes funcionava nesta Comarca, talvez por acúmulo de serviço ou outros fatores de ordem jurídica, deixou de dar provimento ao referido processo em prejuízo incalculável da população.*

*Um apelo sr. Juiz – faça andar este processo que nada de fútil e pessoal tem. Sim, porque não é ele pessoal mas de ordem geral.*

*V. Excia. sabe bem o mal que esta famigerada poeira carregada de sílica, que é despreendida pela chaminé da Cia. Cauê, faz ao povo. Cito apenas dois males: a silicose e a asma alérgica. Não me refiro aos danos materiais, pois estes V. Excia., que aqui reside, já teve ocasião de comprovar em sua própria residência.*

*Segundo informação do advogado de uma das partes, falta apenas a vistoria requerida pelo Juízo para o andamento do processo. Se tão pouco falta para que esta ação seja julgada, sr. Juiz, então, em nome do povo de Pedro Leopoldo, eu lhe peço – nomeie, indique ou o que necessário for no caso fazer, faça, (...)*

*Atenciosamente, José Ottoni”<sup>27</sup>.*

Dois anos após a sua inauguração oficial, a fábrica de cimento Cauê já era considerada pela população local grande poluidora do ar respirado na cidade. Na época, não havia tecnologia adequada para filtros industriais – e nem havia preocupações com esse tipo de problema – e, além do mais, o local onde foi instalada a fábrica, se era ótimo do ponto de vista da localização em relação às jazidas de calcário, era péssimo quanto ao regime de ventos, que sistematicamente carregavam, para dentro da cidade, a fumaça liberada pela chaminé. Este problema, como é sabido, agravou-se nas décadas seguintes.

- Texto publicado como Capítulo V do livro *Pedro Leopoldo: Memória Histórica*, de 1994.

---

<sup>1</sup> - Para breve notícia sobre a história ambiental, seus temas, fontes e métodos, ver o número especial “História e Natureza” da revista *Estudos históricos*. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991. Particularmente os artigos de José Augusto Drummond, “A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas” e de Donald Worster, “Para fazer história ambiental”.

<sup>2</sup> - As temáticas predominantes da história ambiental são as seguintes: a) valores culturais coletivos relativos à natureza; b) idéias de escritores ou militantes ambientalistas individuais; c) estudos de casos notáveis de degradação ambiental d) usos conflitivos de recursos naturais por povos com marcadas diferenças culturais, ou por grupos sociais distintos de sociedades complexas e; e) origens e efeitos de políticas ambientais e da “cultura” científico-administrativa de órgãos governamentais com responsabilidades sobre o meio ambiente.

<sup>3</sup> - Os dois romances são *Rua de São Sebastião* e *O Mascate Elias*; o relato autobiográfico é o texto já citado em notas anteriores, *Coisas do Reino de Pedro Leopoldo*.

<sup>4</sup> - O conjunto da obra do pintor Edgar Walter foi reunido em livro, contendo muitas paisagens do Ribeirão da Mata e de áreas rurais de Pedro Leopoldo. PIMENTEL, Alexandre. *Edgar Walter*. Rio de Janeiro: PBM Editora, 1991.

- 
- <sup>5</sup> - BURTON, Sir Richard F. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977, p. 18.
- <sup>6</sup> - *Idem*, p. 40.
- <sup>7</sup> - *Idem*, p. 43.
- <sup>8</sup> - *Apud*. BARBOSA, Waldemar de Almeida, *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Promoção da Família Editora, 1968.
- <sup>9</sup> Para maiores detalhes, consultar PAIVA, Eduardo França. *Op. cit.* e CAMPOS, Adalgisa A. (coord.). *Contagem. Origens históricas*. Belo Horizonte: MAZZA Edições, 1991.
- <sup>10</sup> - O que se segue está baseado em MARTINS, Marcos Lobato. Mineração, agricultura e degradação ambiental em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. In: *LPH: Revista de História*. Ouro Preto: UFOP, n. 4, 1993-1994, p. 107-119.
- <sup>11</sup> - BURTON, Richard F. *Op. cit.*, p. 36.
- <sup>12</sup> - *Idem*, p. 48.
- <sup>13</sup> - *Idem*, p. 53.
- <sup>14</sup> - Permanece uma questão em aberto saber até que ponto e em que áreas da região de Pedro Leopoldo essas praticas de plantio reforçaram a tendência para pecuarização da economia, observada no período entre as década de 1930 e 1960.
- <sup>15</sup> - BURTON, Richard. *Op. cit.*, p. 17.
- <sup>16</sup> - PEREIRA, MuriloDiniz. Pedro Leopoldo, outubro de 1994. Fita de 45 min. Entrevista concedida a Marcos Lobato.
- <sup>17</sup> - Segundo o IEF e comerciantes de lenha ainda atuantes na cidade, o hectare de mata desmatada na região de Pedro Leopoldo pode fornecer entre 35m<sup>3</sup> de lenha e 70m<sup>3</sup> de lenha, caso a mata seja densa e composta por grandes árvores e haja destoca completa. Somos gratos ao Sr. Murilo Diniz Pereira elo auxílio prestado na tarefa de converter m<sup>3</sup> de lenha em área desmatada.
- <sup>18</sup> - Burton mencionou que uma planta medicinal abundante na região, a salsa-parilha, era plantada nos quintais, colhida e enviada para o Rio de Janeiro, com as casas comerciais daqui cobrando 2 mil réis por libra de galhos secos. BURTON, Richard. *Op. cit.*, p. 35.
- <sup>19</sup> - *Idem*, p. 24.
- <sup>20</sup> - *Idem*, p. 31.
- <sup>21</sup> - Depoimento de Antonio Marcelino.
- <sup>22</sup> - FILHO, José Issa, *Coisas do Reino de Pedro Leopoldo*. Pedro Leopoldo: Edição do autor, 1993. p. 52.
- <sup>23</sup> - CARMO, Oswaldo Gonçalo do, *Fatos, Coisas e Pessoas de Minha Cidade*. Pedro Leopoldo, 1991, mineo, p. 126. O autor faz referências à ocorrência freqüente de malária entre os pescadores de Pedro Leopoldo, associando-a aos hábitos dessas pessoas, expostas aos mosquitos nas beiras dos córregos e ribeirões.
- <sup>24</sup> - BURTON, Richard. *Op. cit.*, p. 35.
- <sup>25</sup> - Depoimentos de Antônio Carvalho e Geraldo Costa.
- <sup>26</sup> - FILHO, José Issa. *Op. cit.*, p. 52.
- <sup>27</sup> - FOLHA DE NOTÍCIAS. Suplemento Especial. Julho de 1958 (Ano II, n. 15).